

redacção e administração
 bico d. maria, 2-2.º dir.
 composição e impressão
 tipografia sado
 propriedade do grupo editor «o filme»
 administrador: jacques t. da silva
 visado pela censura

crónica

falando dos «extras»...

Quando hoje, madrugada alta, encaminhei meus passos para casa, aborrecido e exausto, vindo da redacção e daí para o cinema, para o «dancing», para os cafés, agora com o cérebro entontecido, atrofado, e recolhi à quietude do meu quarto de dormir, pensava meditativamente na sorte ingrata, maldita, dessa grande legião de gente anónima, que às portas dos «studios» se acotovelava, se comprime custosamente, todo um dia — e em toda uma vida... São os eternos figurantes, esses a que se convencionou cognominar paradoxalmente de «extras»...

Entre o escol numerosíssimo, infinito, dos «extras», nada é difícil encontrar lindíssimas mulheres, extasiadas, pródigas em talento, que bastariam para suprir muitas «estrelas», talvez para as derrubar do pedestal de glória efêmera em que assentam, devido ao favor do público que as admira, que as enaltece — tantas e quantas vezes inerecidamente!...

Os «extras», tarde ou nunca conseguem a suprema felicidade de usufruir no cinema o logar que tão louca e obscuramente ambicionam, para o que milhares de sacrifícios e esforços heroicamente cometem. O desejo veemente e delirante que os anima, que acalentam esperançadamente durante tempo sem fim, raro se converte em realidade. Eles são sempre os dolorosos parasitas, que compactamente examinam ante a figura gigantesca e insensível dos «atélites» de filmes...

Todos os «extras» almejam, com frenesi, ascender um dia à pináculo e luminosa categoria de vedeta, com todo o seu cortejo imenso de triunfos sucessivos, retumbantes, que apaixonam e provocam o desmedido entusiasmo das platéias e fervorosas deste vastíssimo universo. Mas, ainda outra miragem lhes aguilhoia o espirito, lhes turva os sentidos frementes, lhes põe em cabriolas constantes quantos miolos albeiam na cabeça: a riqueza, a opulência alucinante — que tudo e toda domina, alquibra e humilha! — o rém, o jugo inexorável que se chama o Destino, é quem impiedosamente orienta a trajetória de todos os mortais, no cimo da Terra, dando-lhes rumos diversos, molhados ou gisados ao sabor impetuoso e irresistível — a

(continua na 4.ª página)

o filme

semanário de propagação cinematográfica

director miguel manjua editor jacques t. da silva

o único jornal da especialidade que se publica no país

o nosso primeiro concurso

permitirá ao leitor classificado, o direito de actuar num filme de grande metragem, que se realisa brevemente!

Quantos cinéfilos e cinéfilas não desejariam imenso representar um banalíssimo papel em qualquer filme, ainda que de mediocre categoria?!... Estamos certos que seriam centenas, senão milhares, pois são tantos os que têm essa aspiração, latente anos e anos, sem, contudo, lograrem vê-la convertida em realidade!

Pois bem; o filme vai proporcionar aos seus numerosos leitores esse agradável ensejo, de comum acordo com o «Grupo Unido dos Amadores de Cinema de Portugal». Para isso, iniciamos, já hoje, um interessante concurso, que esperamos obtenha um grande êxito, dado o entusiasmo que à sua volta de há muito reina. Este concurso é destinado a todos os nossos presados leitores, do norte e sul do país, quer sejam ou não assinantes deste jornal.

O concorrente ao nosso concurso, nada mais terá que fazer, além d'isto: remeter-nos, até ao dia 20 do próximo mês, uma fotografia sua, de formato bilhete postal, em posição de perfil. As únicas cores das «fotos» admitidas são: sépia ou preto.

Oportunamente, serão publicadas cadernetas, destinadas a este concurso, nas quais o concorrente colocará a sua fotografia, no logar indicado nas mesmas, assim como deverá preenchê-la, consoante as suas habilitações — isto é: os desportos que pratica ou praticou, se pertence ou pertenceu a algum grupo orfeônico ou de canto coral, etc.

Estas cadernetas, que serão vendidas ao preço de 2\$00, encontrar-se-ão à venda numa tabacaria de Lisboa, num qualquer estabelecimento desta cidade e na nossa redacção, sendo enviadas para a província, pelo correio, e sem acréscimo de preço, desde que

no-las peçam. Os pedidos devem fazer-se acompanhar da respectiva importância, podendo esta vir em selos.

No próximo número de o filme, publicaremos um cupon, que os concorrentes deverão recortar, e sem o qual — bem como a caderneta — não serão admitidos a este concurso. Logo que termine o prazo da recepção das fotografias, será reunido um júri na nossa redacção, composto de cinco pessoas, entre elas dois delegados deste jornal, que designará qual o concorrente digno de merecer a classificação.

O leitor classificado, verá o seu retrato — aquele que nos enviou, com destino ao concurso — publicado na primeira página do nosso jornal. Depois, será chamado a intervir no próximo filme de grande metragem que o «Grupo Unido dos Amadores de Cinema de Portugal» vai realizar, brevemente, extraído dum argumento intitulado «Realidade», da autoria do sr. João Conceição e Silva. É uma linda comédia desportiva!

Como os leitores veem, é esta uma ocasião única e tentadora de figurarem num filme português, sem muito incómodo nem dispêndio de qualquer espécie! Portanto, é aproveitar.

No próximo número, inseriremos mais pormenores, acerca deste interessante e sensacional concurso. Entretanto, que os leitores e leitoras de o filme se não esqueçam de nos enviar, quanto antes, a sua fotografia, se querem a sua silhueta correr todos os ecrãs de Portugal — tornando-os célebres!

Por gentil deferência para com o filme, o sr. Artur Santos Figueiredo, habil fotógrafo, proprietário das fo-

(continua na 2.ª página)



JEAN HARLOW, heroína do filme «A Mulher dos Cabelos Vermelhos», em exibição.

comentários

à pressa...

portugal no cinema

«Um de Coimbra», escreveu-nos, outro dia, um bilhete postal para esta redacção, onde nos pede perdão para afirmar que não é Setúbal a terceira cidade do país. Pergunta-nos, depois, se Braga, Caldas da Rainha ou Coimbra, não serão mais dignas desse adjectivo.

Vem esta «reclamação» a propósito de, no último número de o filme, numa localidade da estrada de filmes em Setúbal, haver-mos dito que era esta cidade a terceira do país. Pois bem. Repare «Um de Coimbra» nisto: Miguel Manjúa e Jacques Tavernes da Silva, únicas pessoas que superintendem dentro deste jornal, não são setubalenses. O primeiro é lisboeta e o segundo é enxadista. Portanto, não foi por teatralismo que tal afirmação fizemos, e muito menos para agradarmos aos nativos desta terra, de quem, a par de algumas gratas atenções e estima, temos recebido muitas desconsiderações indignas!

Todavia, absolutamente nada nos intimida fazermos, de novo, a afirmação de que Setúbal é a terceira cidade de Portugal. E—o industrial e populacionalmente, dando, por consequência, maior rendimento ao Estado...

E esta a única verdade, que os desapaixoados, os que não são facciosos nem enfermas de fobia, não conseguem contestar!

Quando, em dias de domingo, se estreiam quaisquer filmes, de ou sem categoria superior, nos cinemas de Setúbal, os mesmos são apresentados em matineia, tal como se fazia em Lisboa, seguramente há dez anos...

Actualmente, porém, os exhibidores lisboenses procedem de modo contrário—o indicado pela lógica. As estreias efectuam-se à noite, assistidas por uma plateia selecta, num ambiente aristocrático, acolhedor—que só uma sórie pode emprestar.

E Setúbal, que se ufana de cidade moderna, com estas e outras coisas, só nos prova, afinal, a sua impregnada tacahez provinciana...

—Vamos, senhores empresários cá do burgo; mostrem-nos que são homens práticos e modernos!...

Paulo Parreira Rocha

Médico

Doenças de boca e dentes

Telefone 493

Travessa do Postigo da Pedra

Setúbal

Não foi sem um certo desvanecimento de patriota e Nacionalista, que eu—há dias, já—lia notícia inserta algures, de que a Tobis—à nossa primeira empresa productora de filmes sonóros—acabara de entregar a Leitão de Barros a realização do seu segundo fonofilm—«As Pupilas do Sr. Reitor».

...Depois dos terrificos boatos que os pretendidos mal intencionados por aí puzeram a circular nas «tertúlias» lisboetas, boatos esses em que se espalhava que a Tobis «naufagara» no «mar encapelado e revoltado» da produção cinematográfica portuguesa; não podia de modo algum, deixar passar este acontecimento em branco, sem a ele me referir com justiça, imparcialidade e absoluta isenção.

O aparecimento da Tobis, numa época em que o Cinema Nacional era absolutamente uma utopia, um sonho vago, indefinido, sombra que se desenha ténue no horizonte pardacento da existência; foi encarado, mais como uma atrevida audácia de que como uma obra digna do aplauso de todos.

O seu primeiro filme, «A Canção de Lisboa», não constituindo uma realização perfeitíssima dos seus «obreiros»—chamemos-lhes assim—foi, no entanto, uma afirmação clara e nítida daquilo que em Portugal—em matéria de cinema—pode e deve fazer-se.

Não há—ou antes—não deve haver, pois, um único português que não veja na Tobis a nossa primeira grande empresa realizadora e, por isso mesmo, aquela que mais acarinhada, mais encorajada, deve ser por todos nós.

Isto não quer dizer que qualquer outra empresa productora—por não ter sido a primeira—deixe de ser auxiliada e nos mereça só sorrisos céticos... Não! Todas, sejam elas quais forem, devem merecer-nos amparo, solicitude; mas a Tobis,—mais que qualquer outra, porque a ela se deve, incontestavelmente, o nosso primeiro passo na indústria cinematográfica.

E foi por tudo isto—não que eu tenha os meus interesses ligados aos seus, pois nem accionista sou—que os boatos ultimamente postos a circular, vieram chocar visivelmente o meu coração de cinefílico, a minha alma de Nacionalista.

Leitão de Barros está ultimando os trabalhos preliminares e essenciais da «découpage» do seu filme, para, no próximo mês de Julho, iniciar a fonofilagem.

Não sei, ainda, quais os intérpretes que L. de Barros escolherá, como não sei, também, quais os assistentes que a seu lado trabalharão.

E' temerário, portanto, qualquer juízo antecipado que se faça das «Pupilas do Sr. Reitor» e do êxito

que irá obter. Mas confio... confio e espero... espero e tenho a certeza que me não enganarei, que o seu trabalho para a Tobis vai marcar, uma vez mais, como uma veemente afirmação do seu profundo sentir da Arte e do Belo.

E' que Leitão de Barros não é um intruso que, dum momento para o outro, se viu alcandorado nos mais grados postos, pelo favoritismo de alguém. Conheço L. de B. desde os bancos do Liceu,—há tanto ano já—admirei-o através as suas exposições de pintura, em que qualquer profano, pode admirar a pujança do seu valôr; observei as suas qualidades de artista, folheando as páginas do «Noticias Ilustrado»; tive ocasião, ainda há dias, de mais uma vez «sentir» a sua garra forte de Artista, em inúmeras partes do programa das Festas de Lisboa e—o que para nós é mais importante—vi os seus filmes «Lisboa», «Nazaré», «Maria do Mar» e «Severa», trabalhos em que, cena a cena, metro a metro de película, se «sentiu» se «vê» e se admira L. de Barros.

Por isso, eu espero... por isso eu confio que as «Pupilas do Sr. Reitor» hão-de marcar, uma vez mais, a personalidade artística desse moço que foi o introdutor do filme sonoro em Portugal.

Não há muito tempo, por uma destas quentes e calmosas noites de Junho, um amigo meu, enquanto braço a braço subíamos a Avenida, em busca de refrigério, lamentava-se que no nosso País, tão rico de paisagens, tão fértil de mulheres lindas, tão abundante de romarias inéditas, de pitoresco e de côr; nesta Pátria que tem uma história como poucas, se não intensificasse, profunda e arraigadamente, a indústria de Cinema.

Calci-me e nada respondi. Mas agora, aqui, neste meu cantinho onde ninguém me vê e raras me escutam, julgo do meu dever dizer que o meu amigo tem razão, carradas mesmo de razão; mas... de quem a culpa?

Dos realizadores? Não Dos produtores? Menos ainda.

A culpa, meu amigo, é dos indiferentes, dos cabotinos, daqueles que não produzem nem deixam produzir, daqueles, enfim, que, tendo um pouquinho de autoridade intelectual, deveriam preparar o ambiente, criar o campo onde a semente dos filmes portugueses deveria ser lançada.

E só assim, depois de convenientemente aliçada a mentalidade do povo para o espectáculo que se lhe ia oferecer, nós poderíamos aproveitar a história Pátria, as conquistas, todo o manancial inexgotável que o nosso passado heroico nos legou.

Só depois disso, poderia filmar-se a Tomada de Santarém, A Tomada de Lisboa, A Batalha de Al-

ângulos...

(secção-fixa)

Cortes de prespectiva são rectas em declínio, são traços repentinos, são ângulos súbitos e, muitas vezes, formas confusas.

Na tela, a projecção das imagens, se umas vezes se nos afigura demorada e lenta, outras, num repente de segundos, passa-nos vertiginosa e geométrica—uma geometria retinamente disparatada, mas certeira.

Ângulos são focos de luz, são raios objectivantes do segundo, são épocas e anos transformados em minutos...

Rodeamos cidades inteiras, contornamos o mundo em mundos fotográficos, reduzimos o tudo a nada, acondicionando esse tudo em pequenos quadradinhos gelatinosos, que depois, na sala de espectáculo, nos vão falar da vida.

Pois bem. Eu serei o ângulo minuto, o ângulo imagem, o ângulo homem, o ângulo tempo—que vos dará, leitor, na síntese da cinematografia, o pormenor do repente.

couto rodrigues!

o nosso primeiro concerto

(continuação da 1.ª página)

tografias Foto-Cinema, Rua do Sacramento, 26, em Lisboa, e no Studio-Cinema, Rua Serpente, 30 (casa Alvaro Pires) Setúbal, dará aos nossos leitores destas duas cidades, que desejem concorrer a este concurso, um desconto especial, mediante a apresentação dum coupon, que noutro lugar publicamos.

Cada fotografia, do modo requerido para o nosso concurso, em cores sépia ou preto, bastará em qualquer destas duas casas, a quantia de Esc. 5\$00, isto, como acima dizemos, desde que o leitor apresente o coupon que nesta página inserimos.

Na Foto-Cinema, de Lisboa, poderão os nossos leitores fotografar-se em qualquer dia, excepto às segundas-feiras, das 9 às 19; em Setúbal, no Studio-Cinema, somente às Terças, Quintas e Domingos desde as 12 horas.

jubarrota, o 1640, e tantas outras páginas vibrantes, heróicas, imortedouras, da nossa História de Pátria.

Que o compreendam os grandes senhores do capital, que o secundem os magnates do intellecto e que o acarinhem os portentados da Grande Imprensa.

Inicie-se a campanha... eluque-se o povo, prepare-se o ambiente mental, termine-se com a plutocracia do capital—e seremos, então, alguém no xadrez cinematográfico de todo o Mundo.

Antes disso... nada é feito.

Lisboa, Junho, 34.

josé afonso de mafos

